



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O TEMA DO EROTISMO NA POÉTICA DE SÉRGIO DE CASTRO PINTO: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO POEMA NÔMADE

OLIVEIRA, Gabriela Santana de.
POSLE/UFCG (Universidade Federal de Campina Grande)

RESUMO:

No âmbito da crítica literária a poesia do paraibano Sérgio de Castro Pinto se destacou pela forte influência da proposta lírica de João Cabral de Melo Neto. Em decorrência desses pontos de intersecção, a poética castropintiana foi classificada de antilírica, uma vez que a substantividade da expressão cultivada em suas obras publicadas se distanciava da tradição, tendo em vista o caráter neo-vanguardista de sua produção poética. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva empreender uma leitura analítica do poema: Trogloditas publicado no livro: *O Cristal dos Verões* (2007). Compreenderemos a lírica de Castro Pinto apresenta o tema do erotismo e de que maneira ele rompe com as normas canônicas ao trazer imagens e recursos sonoros, semânticos e sintáticos que tratam da união entre o homem e a mulher a partir de uma alegoria com os trogloditas na caverna descobrindo o fogo. Mediante pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa observaremos como o erotismo se faz presente no plano temático e estético. Desse modo, utilizaremos como aporte teórico as contribuições de: Barbosa Filho (1989), (2008), Brito (1995), Paz (1982), dentre outros.

Palavras-chave: Erotismo, poesia e trogloditas.

1. Breve percurso na poética Sanhauá e Pós-Sanhauá de Sérgio de Castro Pinto

A poesia de Sérgio de Castro Pinto apresenta duas fases que não se limitam apenas às questões históricas, mas estão diretamente ligadas ao valor estético. De acordo com Barbosa Filho (2008, p. 66) a primeira fase está vinculada ao momento em que o poeta paraibano foi membro integrante do Grupo Sanhauá na década de 60.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Esse grupo de poetas paraibanos tinha como ideal estético infringir as regras presentes às regras presentes no verso tradicional. Dentre alguns dos aspectos bastante cultivados por Sérgio de Castro Pinto, Marcos Tavares, Marcos Vinicius e Anco Márcio estava na oposição a uma poética de “temário sacralizado do lirismo subjetivista” (BARBOSA FILHO, 1989, p. 62).

Além dessa característica básica, o grupo Sanhauá também se caracterizou pelo cultivo da linguagem simples, concisa manifestada por uma poesia sintética que se afasta do lirismo afeito ao sentimentalismo e da abstração dos modelos clássicos.

Semelhantemente ao Sanhauá à poesia de Sérgio de Castro Pinto nessa primeira fase apresentava uma estética que se enquadrava nos mesmos procedimentos adotados por esse grupo vanguardista.

Durante esse período, a poesia de Castro Pinto também apresentou diversas técnicas como a fragmentação, recursos tipográficos e uma tessitura poética repleta de paródias, intertextualidade, uso da imagem atrelado às repetições e valorização da significação mediante a acústica das palavras, além da presença da metalinguagem.

Consciente das mudanças que se faziam necessárias, no corpo do poema, para exprimir a visão de um novo tempo; para inclusive, não se tornarem anacrônicos em face das vanguardas nacionais, os poetas do Sanhauá intentaram formas novas, através da experimentação de recursos nunca antes utilizados na lírica paraibana. Seu projeto desencadeava a busca de novas linguagens e de novas técnicas mais de acordo com sua época e mais condizentes com a expressão de sua visão de mundo. (BARBOSA FILHO, 1989, p. 63).

A força expressiva da poesia de Castro Pinto nesse período, assim como o Sanhauá almejou livra-se da retórica discursiva através de um novo “gosto estético” (BARBOSA FILHO, 1989, p. 62).

Esse ideal da liberdade de produção poética se evidenciou a partir de uma arquitetura poemática que ousadamente destruía formas estereotipadas. Através dessa rejeição à poesia de face anacrônica, a produção castropintiana nessa primeira etapa



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

também buscou desautomatizar a linguagem por meio de uma “desarticulação radical” (BARBOSA FILHO, 1989, p. 63) que subvertia esteticamente o modelo clássico.

Já a segunda fase da estética castropintiana foi marcada pela publicação das seguintes obras: Domicílio em Trânsito e outros poemas (1983), O cerco da memória (1993), A quatro mãos (1996), Zôo Imaginário (2005) e mais recentemente O Cristal dos Verões: poemas escolhidos (2007).

As publicações dessas obras culminam com um crescimento do valor literário da poesia castripintiana porque nesse estágio de sua produção há o que Barbosa Filho (2008) classifica como libertação das influências cabralinas.

2. Análise e interpretação do poema “nômade”

Nômade

Acha que atritas
O meu falo queima

Somos trogloditas
descobrimo o fogo

crecem labaredas

sob a braguilha
armo uma tenda
com a minha glande.

E o meu falo nômade
rumo à tua fenda
levanta acampamento



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

2.1 O erotismo no plano do signo

Estruturalmente, percebemos que poema é formado por versos livres assim como, a proposta defendida na época em que o poeta paraibano era integrante do Grupo Sanhauá. O poema é iniciado por dois dísticos uma estrofe de um verso e as duas últimas estrofes com três versos. Outro aspecto que merece destaque está no cultivo de uma concisão dos versos, seguidos por uma substantividade que carrega no signo uma semanticidade completa, que dispensa assim, versos mais longos com uma adjetivação mais elaborada e uma sintaxe mais prolixa, assim como verificamos na lírica tradicional.

Esse primeiro traço da poética castropintiana dialoga diretamente com os postulados pregados pelas vanguardas europeias. Elas almejavam mostrar na literatura, em especial na poesia, “as palavras em liberdade” (HELENA, 1993, p. 14) no qual os futuristas de forma mais latente se voltavam contra os padrões usuais da sintaxe tradicional. Na lírica castropintiana a marca de um “eu” presente na poesia mais tradicional, não é utilizada. Embora os versos se voltem para a tematização do ser humano e a sexualidade, a estrutura poemática dispensa marcas de subjetividade que revelem um eu lírico masculino ou feminino, a preocupação está em resgatar no signo e na concisão a significação de uma experiência humana e mais corpórea, fugindo assim de uma visão idealizada do amor e da sexualidade.

Quanto ao tema da erotização propriamente dita, esse aspecto ainda tem apresentado poucos estudos ao pensarmos que a poesia de Sérgio de Carto Pinto está em plena produção desde 1967, auge da influência das vanguardas europeias e do Modernismo na literatura brasileira. Perceberemos que ao longo da análise e interpretação do poema, a presença do erotismo tanto no plano do signo como no da imagem.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Nesse sentido, os signos “atristas”, “queima”, “fogo” e “labaredas” remetem ao tema do erotismo ao sugerir que o sentimento existente entre homem e mulher estão voltados para a sexualidade, por meio de um contato mais corpóreo e instintivo. Não há idealização desse momento, os próprios signos enfatizam o desejo entre ambos ao associá-lo com o queimor provocado no fogo. Assim, através dos campos semânticos, o poeta consegue passar no plano dos signos significações bastante completas em palavras tão curtas, de modo que não há uma subjetividade marcada por uma substantividade. Esse traço embora marcado como característica da poética do autor enquanto herança dos tempos em que foi participante do Grupo Sanhauá nos revelam que a segunda fase da estética desse poeta não se desmembra totalmente dos ideais defendidos pelo grupo, nem tampouco se distanciam definitivamente das “raízes cabralinas” conforme assevera Barbosa Filho (1989). Portanto, o erotismo se evidencia no plano do signo como metaforização da paixão e o desejo que existe entre esses nômades, que vagam sem um lugar fixo para atender os seus desejos e instintos de sobrevivência.

2.2 O erotismo no plano da imagem

Ainda no referido poema existe várias imagens que também corroboram para mais significações que vão além do estrutural. A primeira grande imagem é dos trogloditas. Como sabemos essa denominação faz referência direta a contexto em que o homem e a mulher viviam como nômades, em cavernas e florestas de forma ainda muito primitiva. Na imagem poética, os trogloditas descobrindo o fogo além de se relacionarem a descoberta que o homem pré-histórico teve também nos possibilita uma segunda leitura. A descoberta do fogo nesse contexto está para a descoberta do sexo, do sentimento de desejo e experiência corpórea de procriação, mas de satisfação e prazer para ambos.

Em consonância com a imagem dos trogloditas descobrindo o fogo, ou seja, entre homem e mulher mantendo relações sexuais, através dos signos “glande”, “falo” e



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

“fenda” o sujeito lírico deixa claro que se trata de uma relação entre o homem e a mulher, uma vez que o falo e a glândula são relativos ao pênis e a “fenda” é a vagina.

Tanto nas imagens dos trogloditas como nos signos que fazem referência direta com os órgãos sexuais masculino e feminino, o aparente antilirismo cede lugar a uma forte corporalidade, isto é, um contato físico entre homem e mulher muito mais para o ato sexual do que a idealização amorosa. O amor está em segundo plano e o erótico entra não como algo que fere a moralidade, mas como o sentimento de desejo entre homem e mulher enquanto algo de sua natureza.

Sendo assim, através do cultivo da substantividade da expressão em signos e imagens, a poesia aparentemente “seca” de Sérgio de Castro Pinto consegue retratar um tema profundamente humano: o sexo enquanto ato que simboliza a existência do homem no mundo. Por meio de uma experiência particular do sujeito poético, há uma universalização que desvela o lado puramente humano, corpóreo e concreto tanto na força do signo como na da imagem.

O poema reflete sobre a sexualidade através de signos e imagens que retomam o ser humano em seu estado troglodita, cujo sexo é mostrado enquanto ação pertinente ao humano. Além disso, o tema do erotismo aparece no poema de forma corpórea e sensorial, tendo em vista que há a ênfase do fogo e do calor que ele provoca, enquanto metáfora da intensidade do desejo entre homem e mulher.

Além disso, em nômade temos também a “imagem do dentro” (BRITO, 1995, p. 204) ao tratar que o falo nômade vai rumo à fenda que representa a penetração do pênis na vagina da mulher, representando assim, o espaço interior do órgão sexual feminino.

Segundo Brito (1995, p. 204) o poema está escrito na segunda pessoa verbal e “descreve, em versos curtos e pontuados, a preparação para o ato amoroso no contexto duplo da pré-história e da relação a dois”. O fogo alegoricamente promove a sensação tanto no corpo como no próprio psicológico do desejo sexual.

3. Sobre o cânone na poética de Castro Pinto



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A partir das discussões em torno da poética de Sérgio de Castro Pinto e a presença da tematização do erotismo, podemos perceber que o conceito de cânone é questionado quanto à presença do lirismo e a forma pela qual ela aparece no poema.

Nesse sentido a reapropriação mimética do mundo se expressa em “nômade” mediante uma nova percepção do mundo e uma estética que foge do padrão canônico.

Segundo Octávio Paz (1982, p. 47) essa literatura de romper com os paradigmas da lírica tradicional está para o ato de “criação poética”. O autor de: O arco e a Lira defende que a criação poética provoca uma violência na linguagem através de um “desenraizamento das palavras”

A poesia vive nas camadas mais profundas do ser, ao passo que as ideologias e tudo que chamamos de ideias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência. O poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas. (PAZ, 1982, p. 49-50).

Esse caráter da poesia tem nos mostrado que a literariedade presente no plano estético e temático nos mostra que o conceito de literatura e de poesia se define pelo trabalho com a linguagem e criação no ato de escrever. De acordo com a definição do teórico mexicano a poesia atrela a mimetização da realidade de uma forma singular e insubstituível, o que nos faz perceber que a literatura não se constrói por regras do cânone, contudo, do ato de criação poética.

Por meio da análise que empreendemos nesse trabalho, foi possível perceber que a maneira pela qual o lirismo se faz em: “nômade” burla as normas da lírica tradicional. No plano do signo e da imagem percebemos a presença da inventividade e um “precioso trabalho de renovação da linguagem” por meio de reflexões em torno do cotidiano e a interioridade humana assim como assevera o crítico literário paraibano Barbosa Filho (2008, p. 66-67).

Entretanto, não é de intenção do nosso trabalho passar a ideia de que o cânone deve ser destruído. Entendemos que ele também é importante para que se tenham critérios dos limites entre o que é ou não linguagem literária, pois sem critérios o



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

trabalho artístico que faz da poesia algo singular requer que se abra espaço para o cânone alternativo.

Considerações Finais

A análise e interpretação do poema: “Nômade” de Sérgio de Castro Pinto nos conduziu a reflexão de que o poeta trata da sexualidade e do tema da erotização como elementos miméticos e verossimilhantes da existência humana.

O cultivo de imagens e signos que primam para uma relação de interioridade dispensa assim, uma adjetivação e marca de uma subjetividade que se aproxima da proposta neo- vanguardista defendida pelo Grupo Sanhauá, pois no aparente antilírico, existe lírica.

Dessa forma sendo, entendemos que o cultivo do erótico enquanto elemento de uma interioridade humana aponta novos ares para a poesia paraibana contemporânea, o que nos faz pensar que a literatura tem nos conduzido a novas propostas estéticas que rompem com o cânone. E o próprio ato de trazer uma experiência mais corpórea como a presença do erotismo evidencia a abertura de um cânone alternativo, que não dispensa o legado literário brasileiro, porém abre espaço para se repensar novas formas pelas quais a criação poética se expõe.

Referências:

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Sanhauá: uma ponte para a modernidade**. João Pessoa: Edições Funesc, 1989.

_____, **O pó dos sábados, memória dos domingos: sobre Sérgio de Castro Pinto**. João Pessoa: Ideia, 2008.

BRITO, João Batista B de. **Signo e imagem em Castro Pinto**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1995.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. De Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre pessoas (sexuais) e seus papéis socioculturais**: ensaios de literatura e psicologia. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

Corpus:

PINTO, Sérgio de Castro Pinto. **O cristal dos verões, poemas escolhidos**: 40 anos de poesia (1967- 2007). São Paulo: Escrituras, 2007.